



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

JOSÉ FERNANDO DE OLIVEIRA

**ESPORTE E ASCENSÃO SOCIAL NO BRASIL: O CASO DA ATLETA RAFAELA
SILVA**

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

JOSÉ FERNANDO DE OLIVEIRA

**ESPORTE E ASCENSÃO SOCIAL NO BRASIL: O CASO DA ATLETA RAFAELA
SILVA**

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Xavier dos Santos

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2019

Catálogo na fonte
Sistema de Bibliotecas da UFPE - Biblioteca Setorial do CAV.
Bibliotecária Jaciane Freire Santana, CRB-4/2018

O48e Oliveira, José Fernando de
Esporte e ascensão social no Brasil: o caso da atleta Rafaela Silva /
José Fernando de Oliveira. - Vitória de Santo Antão, 2019.
47 folhas.

Orientador: Francisco Xavier dos Santos.
TCC (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, CAV,
Licenciatura em Educação Física, 2019.
Inclui referências.

1. Rafaela Silva. 2. Judo. 3. Racismo no esporte. 4. Machismo no
esporte. 5. Sociologia do esporte. I. Santos, Francisco Xavier dos
(Orientador). II. Título.

796.8152 CDD (23. ed.)

BIBCAV/UFPE-242/2019

JOSÉ FERNANDO DE OLIVEIRA

ESPORTE E ASCENSÃO SOCIAL NO BRASIL: O CASO DA ATLETA RAFAELA SILVA

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Xavier dos Santos

Aprovado em: 06/12/2019.

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Francisco Xavier dos Santos (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dr. Haroldo Moraes de Figueredo (Examinador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Ms. Edilson Laurentino dos Santos (Examinador)
Universidade Federal de Pernambuco

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, inicialmente, por sempre estar ao meu lado proporcionando a orientação espiritual. Aos meus pais, que foram e são incansáveis incentivadores das minhas empreitadas educacionais. A minha esposa Sintia Maria Silva de Oliveira, aos meus dois filhos João Fernando Silva de Oliveira e André Antônio Silva de Oliveira. Estes pela paciência nos momentos da ausência para a preparação deste trabalho e o constante incentivo durante todo o processo de formação educacional. E a todos os demais familiares pelo apoio e incentivo em toda a jornada de convivência familiar.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos a Deus, pelo dom da vida e pela inspiração nos momentos de preparação para este trabalho. Ao meu orientador, o Professor Doutor Francisco Xavier dos Santos pela presença intelectual marcante em todos os momentos das orientações. Pela forma abnegada e profissional com que abraçou a causa. Firmando uma parceria de confiança, sobretudo, do excelente alicerce de bons ensinamentos deixados. Ao Comandante do Centro de Atividades Técnicas Zona da Mata do Corpo de Bombeiros Militar de Pernambuco, Major Adriano Cajueiro de Farias e demais colaboradores, pelo apoio necessário nos momentos em que tive que me ausentar das atividades laborais corriqueiras, para a elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso.

“A simplicidade é a chave de toda arte superior, da vida e do judô.”

Jigoro Kano

RESUMO

O presente estudo voltou-se a discutir a relação que envolve o esporte como um instrumento de ascensão social. Neste contexto, o nosso objetivo foi analisar o fenômeno do esporte no Brasil, com base no caso da judoca Rafaela Silva, buscando elementos presentes na história esportiva da atleta que revelam mudanças no seu “*status*” social. O debate se desenvolve a partir de reflexões que se iniciam no campo da educação física e alcançam outras áreas como a sociologia e alguns de seus pensadores que nos levam a cogitar o que um fenômeno como o esporte pode produzir na relação dinâmica que estabelece com as pessoas humanas, em particular, as possibilidades de ampliar os horizontes humanos nos mais diversos aspectos, inclusive, no seu desenvolvimento, crescimento e mudança de status social. Justifica-se o trabalho realizado, a partir de quatro pilares. A saber: o primeiro pilar aponta uma grande lacuna para das pesquisas acadêmicas em educação física, voltadas para a relação entre esporte competitivo e ascensão social. Também desmistificar a visão de que o esporte de alto rendimento é, tão somente, algo excludente, há nele outras tantas nuances. O segundo pilar se volta para a pouca visibilidade à participação esportiva das mulheres, ainda mais se são elas negras. O terceiro alicerce trás à luz o lado democrático do esporte competitivo. O quarto pilar abre espaço à discussão de não se restringir o esporte, seja como salvador, seja como responsável pelos problemas sociais, pois, ele pode ser ambas as coisas e ainda mais. Com respeito a dimensão metodológica, baseamo-nos na pesquisa qualitativa, na revisão da literatura através de buscas em artigos científicos através de bases de dados como Scielo, Portais CAPES, Google Acadêmico e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), além de uma pesquisa documental que fizemos em sites como BBC BRASIL, EL PAÍS BRASIL, O Globo, Globo Esporte . Por fim, dentre algumas conclusões passíveis observou-se que o trabalho sério das entidades não governamentais como o do Instituto Reação são essenciais na descoberta e formação de novos talentos esportivos iguais a Rafaela Silva. Que a trajetória da judoca aponta caminhos que oscilam entre lutas, conquistas e inserções em patamares mais elevados, no caso da seleção brasileira de judô, e também as derrotas que nos parecem ser comuns, não apenas a desportista, mas, também a mulher em arenas que deveriam já há muitos se banidas de sociedades ditas civilizadas, a saber, a luta contra o preconceito e o racismo que aos poucos vão sendo pela atleta transformadas em novas vitórias. Ademais, ousamos dizer que a pesquisa mostra que o esporte ainda é um dos meios para as pessoas ascenderem na vida.

Palavras-chaves: Ascensão Social. Esporte. Gênero. Lutas. Racismo.

ABSTRACT

The present study returned to discuss the relationship that involves sport as an instrument of social ascension. In this context, our goal was to analyze the sport phenomenon in Brazil based on the case of judoka Rafaela Silva, looking for elements present in the athlete's sports history that reveal changes in her social status. The debate develops from reflections that begin in the field of physical education and reach other areas such as sociology and some of its thinkers that lead us to consider what a phenomenon such as sport can produce in the dynamic relationship it establishes with people. human rights, in particular, the possibilities to broaden human horizons in various aspects, including their development and growth and social status change. The debate develops from reflections that begin in the field of physical education and reach other areas such as sociology and some of its thinkers that lead us to consider what a phenomenon such as sport can produce in the dynamic relationship it establishes with people. human rights, in particular, the possibilities to broaden human horizons in various aspects, including their development and growth and social status change. The work done from four pillars is justified. Namely: the first pillar points a large gap to the academic research in physical education, focused on the relationship between competitive sport and social ascension. It also demystifies the view that high performance sport is only exclusionary, there are so many nuances in it. The second pillar turns to the poor visibility of women's sports participation, especially if they are black. The third foundation brings to light the democratic side of competitive sport. The fourth pillar makes room for the discussion of not restricting sport, either as savior or as responsible for social problems, because it can be both and more. Regarding the methodological dimension we based on qualitative research, literature review through searches of scientific articles through databases such as Scielo, CAPES Portals, Google Scholar and the Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD), and of course from a desk research we did on various websites. Finally, among some passable conclusions it was observed that the serious work of non-governmental entities such as the (Reaction Institute) are essential in the discovery and formation of new sports talents like Rafaela Silva. That the judoka's trajectory points to paths that oscillate between fights, achievements and insertions at higher levels, in the case of the Brazilian judo team, and also the defeats that seem to us to be common, not only the sportswoman, but also the woman in arenas. that many should already be banished from so-called civilized societies, namely the fight against prejudice and racism that the athlete is gradually turning into new victories. Furthermore, we dare to say that research shows that sport is still one of the means for human people to rise in life.

Keywords: Social Ascension. Sport. Genre. Fights. Racism.

RESUMEN

El presente estudio volvió a discutir la relación que involucra el deporte como instrumento de ascensión social. En este contexto, nuestro objetivo era analizar el fenómeno deportivo en Brasil basado en el caso de judoka Rafaela Silva, buscando elementos presentes en la historia deportiva de la atleta que revelen cambios en su estatus social. El debate se desarrolla a partir de reflexiones que comienzan en el campo de la educación física y alcanzan otras áreas como la sociología y algunos de sus pensadores que nos llevan a considerar qué puede producir un fenómeno como el deporte en la relación dinámica que establece con las personas. derechos humanos, en particular, las posibilidades de ampliar los horizontes humanos en varios aspectos, incluido su desarrollo y crecimiento y cambio de estatus social. El trabajo realizado a partir de cuatro pilares está justificado. A saber: el primer pilar señala una gran brecha en la investigación académica en educación física, centrada en la relación entre el deporte competitivo y la ascensión social. También desmitifica la opinión de que el deporte de alto rendimiento es solo excluyente, hay muchos matices en él. El segundo pilar se centra en la poca visibilidad de la participación deportiva femenina, especialmente si son negras. La tercera fundación saca a la luz el lado democrático del deporte competitivo. El cuarto pilar deja espacio para la discusión de no restringir el deporte, ya sea como salvador o como responsable de los problemas sociales, porque puede ser ambos y más. Con respecto a la dimensión metodológica, nos basamos en la investigación cualitativa, la revisión de la literatura a través de búsquedas de artículos científicos a través de bases de datos como Scielo, Portales CAPES, Google Scholar y la Biblioteca Digital de Tesis y Disertaciones (BDTD), y por supuesto de una investigación de escritorio que hicimos en varios sitios web. Finalmente, entre algunas conclusiones aceptables se observó que el trabajo serio de entidades no gubernamentales como el (Reaction Institute) es esencial en el descubrimiento y la formación de nuevos talentos deportivos como Rafaela Silva. Que la trayectoria del judokas señala caminos que oscilan entre peleas, logros e inserciones en niveles más altos, en el caso del equipo brasileño de judo, y también las derrotas que nos parecen comunes, no solo la deportista, sino también la mujer en las arenas. que muchos ya deberían ser desterrados de las llamadas sociedades civilizadas, es decir, la lucha contra los prejuicios y el racismo que el atleta está convirtiendo gradualmente en nuevas victorias. Además, nos atrevemos a decir que la investigación muestra que el deporte sigue siendo uno de los medios para que las personas crezcan en la vida.

Palabras clave: Ascensión social. Deporte. Género Peleas Racismo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Rafaela Silva foi medalhista de ouro na Olimpíada do Rio.	24
Figura 2. Rafaela Silva espera que vitória na Olimpíada ajude as mulheres	25
Figura 3. Ouro no esporte, ouro na educação.....	30
Figura 4. Medalha contra a violência.....	33
Figura 5. A desclassificação de Rafaela Silva nas Olimpíadas de 2012.	34
Figura 6. Infância pobre e racismo vencidos por título.	36
Figura 7. História de superação.	39

LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CBJ	Confederação Brasileira de Judô
CDD	Cidade de Deus
FIJ	Federação Internacional de Judô
SciELO	Scientific Electronic Library Online

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 O ESPORTE FENÔMENO SOCIAL DO NOSSO TEMPO	16
3 RAFAELA LOPES SIVA: UMA MULHER DE TANTAS LUTAS	20
3.1 LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA.....	20
3.2 LUTA PELA FORMAÇÃO EDUCACIONAL	26
3.3 A LUTA POR INSERÇÃO E ASCENSÃO NO ESPORTE	31
3.4 A LUTA CONTRA O RACISMO	35
4 CONCLUSÕES	41
REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

O esporte, em diferentes proporções, atravessa o tempo e o espaço social de modo que é vivenciado desde a sociedade grega com uma perspectiva organizacional, como um dos eventos mais importantes da Antiguidade, chega ao século XIX onde muitos dizem ser “reinventado”, ou se preferirmos a palavras de Elias e Dunning (1992) encontra na Inglaterra o berço de sua Modernização e chega à contemporaneidade com a marca dominante da espetacularização, mas, também conferindo à pessoa diferentes possibilidades de realização através dele.

Sendo assim, é importante notar que o esporte é considerado como um fenômeno social visto por muitos, como uma das maiores instituições de nosso tempo, carregando consigo o reflexo de como a sociedade se organiza.

Ainda se pode dizer que, nos tempos atuais é tido também como um dos principais elementos da indústria cultural contemporânea, sendo a matéria prima dos meios de comunicação de massa. E acaba por se constituir, na visão de muitas pessoas, uma das formas de as pessoas construírem uma história de crescimento e mudança sociais, sobretudo, aquelas que nascem num contexto de extrema desigualdade social, comum em países como o Brasil, dada a sua história.

Após essas colocações iniciais, é oportuno destacarmos que o presente texto resulta de uma pesquisa por nós desenvolvida, cujo objeto é o esporte, mais especificamente, a condição que ele revela como instrumento de ascensão social para muitas pessoas que na condição de atletas parecem desenvolver não apenas as habilidades e competências desportivas, mas, também se desenvolvem, mudam e crescem sob a forma mais ampla possível e essas coisas passam aqui a serem motor de nossa análise.

Do ponto de vista da fundamentação teórica, a escolha recaiu, na maior parte, sobre a sociologia estruturalista de Bourdieu (1983) que rubrica a análise que fazemos de um determinado espaço social - o campo esportivo - da posição ocupada por uma atleta - uma agente social - e daquilo que resulta dessa relação entre campo e agente social, sem, contudo, abrir mão das contribuições de outros autores e Elias e Dunning (1992) é um exemplo.

Quando, pois, buscamos argumentos para justificar um estudo nesta direção, mencionamos inicialmente quatro razões – que não se esgotam os motivos – mas,

conforme julgamos, dão conta de elucidar as razões e lugar de tal empreitada no âmbito acadêmico.

Sendo assim, vamos às tais explicações: primeiro, vimos numa breve pesquisa exploratória que há uma lacuna considerável de estudos acadêmicos na área da educação física, com abordagem na relação entre esporte competitivo e ascensão social.

Nesta discussão, muitos preferem explorar apenas o lado “excludente” do esporte. Nesta dimensão, também enxergamos esse lado, mas, não apenas. Segundo, que de certo modo complementa o primeiro é que, quando se fala sobre a temática, pouca visibilidade é dada às mulheres e muito menos às negras. Terceiro, temos motivos para pensar que podemos com esse discurso lançar luz sobre um fenômeno – o esporte competitivo – que se revela a dimensão competitiva, não exclui seu lado democrático e modo de muitos excluídos encontrarem possibilidades de se humanizar e sonhar com dias melhores.

Por fim, entendemos que um material como este acaba se constituindo numa forma de retomarmos discussões acadêmicas sobre o esporte, sem as inclinações que se tornaram habituais: quer seja tomando-o como salvação de tudo, quer seja responsabilizando-o pelas mazelas sociais. A nossa intenção, então, foi tão somente retratar uma realidade envolvendo o esporte, mostrando a mesma tão somente como é.

Nessa tarefa investigativa, o nosso objetivo de pesquisa foi analisar o fenômeno do esporte no Brasil com base no caso da judoca Rafaela Silva, buscando elementos presentes na história esportiva da atleta que revelam mudanças no seu “*status*” social.

Para dar conta desta meta maior estabelecemos três objetivos específicos de modo que: primeiro levantamos dados e informações envolvendo a judoca Rafaela Silva; em seguida buscamos fatos que falam de mudança na história esportiva da atleta e por fim analisamos o fenômeno esporte, o caso da atleta e as possibilidades de mobilidade social.

Neste mesmo itinerário também elegemos uma questão a ser respondida e que se constituiu no seguinte: até que ponto o esporte pode ser visto como uma via de ascensão social a ser considerada por muitos, ao tomarmos o caso da atleta Rafaela Silva como referência?

Para fins de consecução do trabalho, percorremos um caminho metodológico que esteve fundado na pesquisa qualitativa em função de nossos objetivos e problema. E, assim, lançamos mão da revisão da literatura e da análise documental, considerando, com relação ao método, a condição que dá ao pesquisador de maior penetração no mundo dos pesquisados e que julgamos essencial para compreensão daquilo que traçamos na pesquisa empírica.

Quanto à revisão da literatura, detemo-nos em buscar artigos científicos indexados nas bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO), nos Portais CAPES, no Google Acadêmico e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Em se tratando da pesquisa documental, valemo-nos dos sites de buscas que pudessem nos ajudar na obtenção de dados e informações referentes ao tema.

Dentro deste arcabouço metodológico também fomos auxiliados pela perspectiva de estudo de caso de Yin (2010) e pela análise de conteúdo de Bardin (2010). Vale ainda dizer que o universo de pesquisa tem sinalizado para o método que propomos: o estudo de caso. Com relação a este, Yin (2009) afirma que a adoção desse método justifica-se quando do estudo de fenômenos ou problemas que apresentam características peculiares, alguma idiosincrasia com destaque que justifique o esforço de pesquisa.

No tocante à Análise de conteúdo, ela justifica-se em estudos, que pretendem descrições objetivas, sistemáticas e qualitativas do conteúdo manifesto e latente relativo às condições estruturais e as contradições sociais inerentes a um dado contexto social, as pessoas e suas tradições, buscando a interpretação em seu contexto (BARDIN, 2010).

Quanto à pesquisa documental - com ela logramos ampliar a compreensão do fenômeno da ascensão social por meio do esporte, ou seja, como o mesmo se encontra desenhado a partir de um caso brasileiro delineado, por assim falar, na relação que liga o esporte de matriz competitiva e a atleta Rafaela Silva – baseamo-nos inicialmente em palavras-chaves como: ascensão social, esporte, educação física, fenômeno social, sociologia do esporte, judô feminino, gênero, lutas e racismo. Os *lócus* da busca foram diferentes sites que se encontram todos apontados em nossas referências. A materialidade dos dados remetem a jornais, revistas, sites de federações, enfim.

Para fins de tratamento dos dados obtidos, optamos por uma categorização e discussão destes. Conforme Gil (2006, p.134),

A categorização consiste na organização dos dados de forma que o pesquisador consiga tomar decisões e tirar conclusões a partir deles". Assim a nossa ideia se voltou para a análise não só do visível encontrado no material construído. Buscamos também trazer à tona as questões subjetivas refletindo assim, sobre "dimensões contraditórias e mesmo aspectos silenciados.

Como uma das tarefas buscamos mostrar ao leitor como o texto se encontra estruturado no seu todo, ressaltamos que a primeira parte remete a introdução onde apresentamos a discussão com seu objeto, justificativa, objetivos, problema e metodologia. A segunda parte nós fazemos uma breve discussão do esporte enquanto fenômeno social de nosso tempo. A terceira parte é aquela que nós reputamos como o eixo central de nosso trabalho e nela desenvolvemos uma discussão sobre a história de vida da atleta Rafaela Silva, enquanto mulher, detentora de uma história de muitas lutas. Essa parte é subdesenvolvida em quatro tópicos que dizem respeito à história de vida da atleta. Num tópico inicial, debatemos a luta pela sobrevivência; em seguida abordamos sobre a luta pela formação educacional; depois refletimos sobre a luta por inserção e ascensão no esporte e por fim tratamos sobre a luta contra o racismo. A quarta e última parte do trabalho é onde nós trazemos as nossas conclusões.

2 O ESPORTE FENÔMENO SOCIAL DO NOSSO TEMPO

Sociologicamente falando, quando nós, por qualquer situação que seja, reportarmos-nos ao conceito de fenômeno social, estamos a cuidar de fenômenos que ocorrem na vida social e que se vinculam ao comportamento de um grupo ou sociedade. Assim sendo, citamos como fenômenos sociais o desemprego, a fome, a violência, as taxas de mortalidade, o crescimento econômico e o próprio esporte. No caso do esporte, a condição deste enquanto fenômeno se evidencia com maior nitidez, quando consideramos as práticas e/ou acontecimentos que se desenvolvem em grupos que são partes da sociedade.

As sociedades humanas parecem estabelecer uma relação distinta com o fenômeno do esporte, algo que conjecturamos pelo fato de o mesmo ser encontrado ao longo da História, entre os mais diversos povos e em diferentes dimensões.

Nesse sentido, uma história do esporte vai se cruzar com muitas outras histórias: a) seja no que se refere às dimensões – Política, Cultural, Social, Econômica etc.; b) seja no que se refere às abordagens – Oral, Serial, Análise de Discurso, Quantitativa, Micro-História etc.; c) seja no que se refere aos domínios – Corpo, Gênero, Urbana, Arte etc.; d) seja no que se refere aos recortes temporais – Antiga, Medieval, Moderna, Contemporânea, Tempo Presente (DE MELO; FORTES, 2010, p. 25).

Olhando por essa perspectiva, a relação que o esporte revela ter com as pessoas é, sem dúvida, de caráter singular, o que nos permite dizer que estamos a tratar de algo que marca as sociedades humanas em todo o curso da civilização.

O esporte se tornou um patrimônio cultural da humanidade como parte daquilo que descreve o que o mundo fora e é. E isso envolve as pessoas que com ele se envolve através das mais variadas práticas.

Tubino, Garrido e Tubino (2007) localizam e dividem historicamente o Esporte em três períodos: O Esporte Antigo, concebido até a primeira metade do século XIX, o Esporte Moderno teve a institucionalização e concepção das primeiras práticas esportivas existentes, por meio de regras e entidades. Foi registrado pelo inglês Thomas Arnold, depois de 1820. Por fim, com a aceitação do direito de todos ao esporte, no final a década de 1980, inicia-se o Esporte Contemporâneo, o qual teve como marco a Carta Internacional de Educação Física e Esporte.

Ao buscarmos uma ideia que seja sobre a palavra esporte, relembramos tendências deixadas por este fenômeno milenar que ultrapassa épocas históricas, mas, também lançamos mão de conceitos de alguns autores. As noções, porém,

não esgotam o sentido, nem a compreensão da palavra, mas, servem ao propósito de nossa exposição do fenômeno.

De Melo e Fortes dizem que,

Originária do francês antigo “disport”, a palavra “sport” foi registrada pela primeira vez na Grã-Bretanha do século XV, mas é somente na transição dos séculos XVIII e XIX que ela assume o sentido atual. Para ser mais preciso, é nesse momento que se configura o campo esportivo conforme hoje o conhecemos (DE MELO; FORTES, 2010, p.12).

Também recorremos à explicação de Tubino (1999, pág. 8) a qual diz que o termo esporte vem do século XIV, quando os marinheiros usavam expressões “fazer esporte”, “deportar-se” ou “sair do porto”, para explicar seus passatempos que envolviam habilidades físicas.

Por sua vez, Tubino (1999) destaca outra explicação com referência ao vocábulo esporte, associando-o a diferentes contextos e pontos da história. Um exemplo é o caso da Alemanha que utilizou, antes da II Guerra Mundial, a expressão “Laibeserziehung” ou “Körpererziehung”, os quais significavam educação física. Após a guerra, passou-se a usar o termo “Sportunterricht” ou “Sport”. Segundo o mesmo autor, a mudança no termo fez parte da campanha pós-guerra, do governo alemão para evitar a expressão anterior, a qual indicava, segundo eles, o mau uso do conteúdo esportivo. Contudo, a nova denominação trouxe a aproximação da busca do esporte enquanto ciência.

Mas, nessa teia de compreensões há outras apreciações,

Na Itália,[...] a palavra Sport sempre prevaleceu, enquanto na Espanha emprega-se deporte, sendo que nestes dois países a distinção entre esporte e educação física é muito nítida no conteúdo, pois enquanto o esporte é praticado em clubes e centros comunitários, a educação física não ultrapassa as fronteiras das escolas, incorporada que está no processo educativo. Na antiga União Soviética, o esporte era parte da fizkultura (cultura física) (TUBINO, 1999, pág. 9).

Indo adiante nesse “passeio” em torno do esporte, Stigger (2002) afirma que o mesmo se constitui num fenômeno sociocultural de grande relevância para a sociedade contemporânea, à medida que o contexto social aponta para as pessoas que praticam esportes nos parques, nas praias, nas ruas; pessoas que se organizam com base nas programações anunciadas para os fins de semana, a partir da divulgação dos veículos de massa.

Seja qual for a lógica, concepção e definição que tentemos enquadrar ou apresentar o esporte, é bem provável que essa perspectiva nos remeta a um

fenômeno que – dada a sua mobilização na sociedade - comporte no tempo e no espaço diversos sentidos e significados sociais.

Em meio, pois, a essa reflexão da diversidade do fenômeno é possível que na contemporaneidade, cada vez mais o esporte circunscreva várias concepções, que não apenas o caminho do rendimento, não obstante ser esta também uma forma digna de apreciação, mas, repitamos: as percepções são múltiplas e diversas, o que para nós reafirma a condição do fenômeno.

A amplitude sociocultural ou elasticidade semântica empregada ao esporte confere ao mesmo um traço distinto enquanto fenômeno social da contemporaneidade. Talvez, entre outras coisas, por haver atravessado diferentes períodos na história tecendo múltiplas relações com grupos sociais específicos e com objetivos de práticas diversas e criando novos significados. Isso, num dado sentido, é que traz ao esporte a denominação de fenômeno sociocultural de múltiplas manifestações, com ênfase nas demandas das pessoas nele interessadas (GALATTI, 2010).

A dinâmica do esporte como fenômeno social de nosso tempo é de maneira tal, que ele pode enquadrar, e de fato enquadra, muitas possibilidades de efetivação de modo que,

[...] por possuir um grande potencial em mobilizar interesses, estimular a participação, desafiar o pensamento, provocar entusiasmo, auxiliar na autoestima e confiança, sua prática pode viabilizar a sociabilidade e a construção de uma consciência individual e coletiva. (GRANDO e MADRID, 2017, p. 9).

Seja qual for a perspectiva que nós o enquadremos, não é demais lembrarmos-nos do que diz Tubino (1999), sobre a existência das dimensões sociais do esporte, que conforme imaginamos, elas se perdem no horizonte de nossas percepções e enquadramentos. E ainda que essa compreensão seja apenas parte de nossas suspeições, é bastante provável que Tubino tenha razões para apontar tal dimensão, pois,

O desporto, em especial aquele praticado ao mais elevado nível, permite experiências pessoais distintas, situando-se numa esfera para além da vulgaridade do quotidiano, sendo muitas vezes uma verdadeira âncora existencial num tempo marcado pelo profundo vazio axiológico (GARCIA, 2017. p. 94)

Por fim, em meio às reflexões empreendidas sobre o esporte, é claro que não poderíamos deixar de lembrar que entre suas muitas faces e matrizes o esporte, não

poucas vezes, guarda um lugar onde muitos travam suas lutas humanas e atléticas, pois, essa é também, recorrendo a Tubino (1999), uma dimensão do social.

3 RAFAELA LOPES SIVA: UMA MULHER DE TANTAS LUTAS

Esta parte de nosso trabalho compreende de modo específico o lugar da pesquisa de campo e aqui vamos trazendo os dados e informações que foram sendo construídos ao longo do estudo compondo uma narrativa que envolv a história de vida e esportiva da atleta Rafaela Silva e neste cenário damos ênfase as lutas que são partes, por assim dizer, de um retrato que projeta uma imagem da judoca em diversos pontos de sua trajetória e que aos poucos vamos dando vazão e que começa pela batalha para sobreviver.

3.1 LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA

A atleta Rafaela Silva já carrega a luta pela sobrevivência registrada na sua infância. A menina aos cinco anos já apresentava ao esporte através do futebol. Brincava e brigava muito com os meninos na Cidade de Deus, favela carioca situada na Zona Oeste do Rio de Janeiro. O bairro originou-se de um processo de remoção de 63 favelas distintas, sendo a maioria de favelas da Zona Sul da cidade. Construída por etapas pela COHAB e financiada pelo BNH, a Cidade de Deus teve seu término da construção em outubro de 1968. Os novos moradores da Cidade de Deus, cerca de 70% dessa população vinham de seis favelas da zona Sul da cidade, a saber: Praia do Pinto, Parque da Gávea, Ilha das Dragas, Parque do Leblon, Catacumba e Rocinha (CBJ, 2016, sem paginação)

O texto acima reflete, se assim considerarmos, a realidade de muitos meninos e meninas que em nosso País vivem: em condições adversas em função do modelo da estrutura social brasileira que é marcada em sua essência por uma tremenda desigualdade social. E que resulta como diz Fernandes (2015, p. 74) das “[...] formas de concentração de renda, do prestígio e do poder típicas de sociedades estratificadas estamentalmente”.

Ainda com relação aos mesmos meninos e meninas, estes desejam – como toda pessoa humana - uma vida melhor e embalam seus sonhos da forma que podem, olhando para umas coisas que lhes cercam e que podem, de alguma forma, ajudá-los a crescer e mudar. Mas, é preciso dizer e registrar, que antes, é preciso lutar para sobreviver.

O texto fala de uma dessas meninas, cuja luta inicial, ou desde sempre, é por escapar do infortúnio da vida, enquanto brinca ou faz da brincadeira, uma fuga para

dias melhores¹. Acreditamos por aquilo que conhecemos do Brasil que, não são poucas as crianças que a exemplo de Rafaela encontram o esporte ou por ele é encontrado, sem sequer saber que este pode ser um contato fortuito, inesquecível, pois, ainda que haja quem pense o contrário, o esporte é capaz de mudar rotas, mesmo das mais perdidas.

Mas, não é coisa que se opera com a facilidade que muitos imaginam, pois, como atesta a citação acima, para quem nasce em certas condições “desumanas” é preciso não só brincar, mas, quase sempre brigar com a vida e com muitos por seu direito de brincar e mais: de se humanizar.

Talvez, por coisas semelhantes a tais lutas, que nesse contexto de vulnerabilidade social, os pais de Rafaela tenham visto no esporte algumas possibilidades, entre elas: ocupação do tempo com algo correto, fuga das drogas, de crescimento social e com chance de livrá-la da violência que rondava aquela comunidade.

Mesmo sem uma real consciência dos fatos - a garota travessa que jogava bola, pulava muros, soltava pipa na laje e encarava sem medo os meninos do seu bairro que a insultavam – por meio das brincadeiras de criança desenvolvia “capacidades físicas” que a tornariam, no futuro, uma judoca de muito talento. E esta maestria fora no começo da caminhada reconhecida e lapidada pelo professor Geraldo Bernardes, que via uma potencialidade na garota já aos oito anos de idade. (CBJ, 2016).

Mas, retomando as lutas “humanas” e também as “desumanas”, elas muitas vezes não se dão apenas na esfera esportiva, na maior parte, talvez se encontre nas dimensões macro da sociedade dos indivíduos de modo que o esporte apenas configura um dos lugares em que ela se mostra e revela suas imagens: às vezes da vitória, por vezes da indignação, noutras dos dissabores que protagonizam espécies de derrota. E parte disto se evidencia quando o técnico Geraldo Bernardes razoa sobre o retrato social do país, à época da competição olímpica dizendo: “Nós vivemos um problema sério de desamor, violência. O que Rafaela fez serve para

¹ O texto também sinaliza, ainda que subjetivamente, para uma luta singular: a de gênero, que mesmo não sendo o foco de nosso estudo, nós o apontamos como uma necessidade de ser refletida por outros estudos ou mesmo por nós em uma pesquisa futura. Desta forma, vale destacar que a temática é discutida no campo do esporte por autores como Goellner (2013) e Jaeger (2006), por exemplos.

mostrar que a comunidade (Cidade de Deus) pode se transformar, sim, e mostrar ao Brasil que o caminho pode ser através do esporte e da educação” (RAMOS, 2016, sem paginação).

O professor Geraldo Bernardes que temos mencionado, para aqueles que não sabem, integra profissionalmente o Instituto Reação e foi o treinador que iniciou a atleta Rafaela Silva no judô. Tal relação é marcada por lembranças e uma delas é que já no primeiro treino a menina desmaiou, porque estava com fome. Não havia se alimentado antes de treinar. Diz também: “Vi na atleta um diamante bruto, trazido das ruas para ser lapidado no tatame.” (CBJ, 2016, p. 17)

Se as lutas são muitas, e isso nós acreditamos, é comum que elas produzam consequências e não por acaso, os resultados mais importantes no tatame começaram a aparecer abrindo possibilidades. Em meio às tantas disputas, portanto, vale destacar o seu ingresso como atleta na seleção júnior. A respeito disto, a Judô em Revista (2016, p.17) destaca que,

Em 2008 no Mundial Sub-20 de Bancoc, na Tailândia, Rafaela Silva ganhou sua primeira medalha de ouro mundial, com 16 anos. Naquele mesmo ano, foi selecionada pela Confederação Brasileira de Judô para apoiar os treinos da seleção principal feminina que disputaria os Jogos Olímpicos de Pequim.

As Lutas, assim como a vida e as pessoas de alguma maneira se movem. Por isso, a caminhada vai aos poucos projetando - na menina que costumava brincar e brigar na Favela Cidade de Deus – alguém que, ousamos afirmar, nasceu não apenas para lutar pela sobrevivência, mas, decisivamente para vencer.

Talvez, por enxergar essa predisposição acima que a Confederação Brasileira de Judô tenha feito investimentos maiores na atleta. Um exemplo remete a participação do Circuito Mundial de Judô da Federação Internacional de Judô (FIJ). Isso credenciou a judoca ganhando experiência e evolução técnica, de forma que em 2011, chegou a sua primeira final de Campeonato Mundial Senior, onde obteve a segunda colocação com apenas 19 anos. Some-se a isso, o fato de que no ano de 2012, participou dos jogos de Londres como forte candidata ao pódio.

É importante lembrar no tocante à formação esportiva que o lugar decisivo é o projeto social do “Instituto Reação”: uma Organização Não Governamental criada em 2003, pelo judoca e medalhista olímpico Flávio Canto. Mas, nesse processo não se pode esquecer aquele que seria seu primeiro treinador, Geraldo Bernardes, o qual também “descobriu” Rafaela. É, pois, neste enredo de muitas histórias que a

jornada ganha uma nova perspectiva: de certa forma sai de cena a menina que “Brincava e brigava muito com os meninos na Cidade de Deus” e ganha os palcos, ou os tatames a promissora atleta.

Porém, nenhuma trajetória humana vive só de glória e pódios. Basta lembrarmos aqui da história da tenista negra norte-americana Gibson Althea que a despeito de na década de 1950, tenha se tornado segundo Ramos (2018, p.8) “[...] à primeira mulher negra a ganhar o campeonato Wimbledon, tornando-se um o ícone na história do tênis”, também passou enormes as dificuldades financeiras e sofreu com o preconceito racial.

Tecendo aqui um paralelo entre a americana Althea e a brasileira Rafaela, é provável que haja algumas semelhanças, particularmente, nas dificuldades e preconceitos raciais vividos. Talvez, nessas coisas, possamos identificar - através das lutas humanas e esportivas - o quão real é numa alusão a Elias (1997) no que se refere à ocorrência de processos civilizatórios e descivilizatórios numa sociedade tida por muitos com alto padrão de comportamento.

Mas, a alternância dos processos é mesmo palpável, pois, na mesma sociedade que presenciamos o aplauso e a honra aos seus homens e mulheres também insulta, ofende e ultraja. É só recordarmos Londres 2012, em que por aplicar um golpe proibido para a competição, Rafaela Silva perde a final. Uma mudança na regra trás uma grande decepção para a atleta. Mas, decepção ainda maior veio quando a judoca foi hostilizada nas redes sociais, com palavras de racismo que, entre outras coisas diziam: “o lugar de macaco não era nos tatames e que ela era uma vergonha para a família”.

Eis que se encerrava uma luta no tatame e se iniciava outra fora: a luta contra o racismo. Afirmou a atleta após a competição de Londres: “aprendi que não se deve pegar na perna. E se pegar na perna, não pegue no celular”. Isto em referência às agressões sofridas no *Twitter* depois de sua eliminação.

A eliminação na capital inglesa, na segunda luta contra a húngara Hedvig Karatas, rendeu à Rafaela Silva um intenso trabalho físico e mental, para que pudesse voltar a competir em alto nível. Nestas circunstâncias, é bem provável, que a menina acostumada a brigar com os meninos da Cidade de Deus necessitaria ser lembrada e quem sabe convocada, mais uma vez. Pois, a “queda” não fora só nos tatames como mostra a **figura 1**, pois, não são as poucas vezes que o golpe é

aplicado por gente que na vida parece ter prazer em humilhar, ultrajar, diminuir, desrespeitar, marginalizar o outro.

Figura 1. Rafaela Silva foi medalhista de ouro na Olimpíada do Rio.



Fonte. (Getty Images), 2018.

Mas, se ilude quem pensa que todos e todas que são golpeadas caem e ficam prostadas para sempre. Há, neste sentido, pessoas e mulheres como Rafaela que em muito convém uma frase de Nelson Mandela “Deus me fez invencível”.

A invencibilidade aqui se traduz, por exemplo, numa luta que não se acaba para gente como Rafaela, pois, reserva uma missão: junto com outros e outras, de ser porta-voz, do combate de certas mazelas que assolam a humanidade e que precisam ser vencidas, literalmente derrotadas por meio de ações e iniciativas como a que podemos observar na figura 2.

Figura 2. Rafaela Silva espera que vitória na Olimpíada ajude as mulheres



Fonte: (Foto: Aline Pollilo/G1), 2016.

Na reportagem de 'O Globo' a própria atleta Rafaela Silva discorre boas referências sobre o Judô:

O racismo não era algo que fazia parte do seu cotidiano no tatame, contou Rafaela. "Nunca senti nenhum tipo de preconceito dentro do meu esporte. O judô ensina bastante a gente. Acho que fora do tatame nunca tinha que existir essas coisas que acontecem no Brasil (O GLOBO, 2016, sem paginação).

A fala e aparição em público no evento já destacado parecem confirmar um dado crescimento social através do esporte. Talvez, assim supomos, porque tenha o esporte legado a ela certo capital intelectual que, quem sabe, não teria ela alcançado sem esse encontro especial. O esporte de competição pode como muitos apontam promover mazelas, mas, é preciso lembrar que ele não o único. Mas, também promove, e isso é importante se dizer, mudanças nos horizontes de muitos. O esporte mostra, com o exemplo de Rafaela Silva, que ela e outras mulheres podem superar e vencer barreiras como a do preconceito e denunciar criminalmente aqueles que insistem em utilizar desta prática tão adversa.

Muito embora as disputas humanas num dado momento tenham um fim, as lutas cotidianas das pessoas se renovam e mudam seus cenários e propósitos e

isso, naturalmente, também ocorreu com Rafaela Silva num outro plano de sua trajetória.

3.2 LUTA PELA FORMAÇÃO EDUCACIONAL

O tema de nossa pesquisa discorre sobre o esporte e ascensão social e neste contexto, mesmo que de forma subjetiva, a via educacional está presente, de modo que nesta parte do texto fazemos ponderações sobre a luta de Rafaela no que diz respeito à educação. E neste enredo vale refletir que as lutas que, a depender dos contextos e situações, vão se modificando, tomando suas formas e aqui esse pensamento assume um novo contorno, cujo fundamento é a formação educacional.

As grandes transformações por que passa a humanidade advém, principalmente, dos aspectos do avanço tecnológico, abordando a produção econômica dos bens, as relações políticas da vida social e a construção cultural.

A educação constitui-se, de certa forma, como mediadora e instrumento de investimento sistemático de contribuição com a cidadania, tornando-se fundamental a educação do homem social. (SEVERINO, 2000).

E complementa ao afirmar que:

A educação, como processo pedagógico sistematizado de intervenção na dinâmica da vida social, é considerada hoje objeto priorizado de estudos científicos com vistas à definição de políticas estratégicas para o desenvolvimento integral das sociedades. Ela é entendida como mediação básica da vida social de todas as comunidades humanas. (SEVERINO, 2000, p. 65).

Ao atentarmos para as tais funções e papéis possíveis de serem exercidos por meio da educação no contexto mais amplo da vida, também vislumbramos a competência atribuída à educação, no contexto social do indivíduo. Pois, “[...] as realidades sociais são apreendidas como construções históricas e cotidianas dos atores individuais e coletivos” (CORCUFF, 2001, pp. 26-27), sendo ao mesmo tempo objetivadas e interiorizadas no processo histórico.

Sendo assim, a educação se torna um elemento essencial na condução da formação cidadã e diante disso, não podemos ignorar a importância que teve e, em que pese, ainda tem, o projeto social dirigido pelo Instituto Reação na formação educacional da atleta Rafaela Silva.

Tal espaço e incluem-se, sobretudo, as pessoas é,

Criado pelo medalhista olímpico **Flavio Canto**, seu técnico **Geraldo Bernardes** e amigos em 2003, o Instituto Reação é uma organização não governamental que promove o desenvolvimento humano e a integração social por meio do esporte e da educação, fomentando o judô desde a iniciação esportiva até o alto rendimento. A proposta é utilizar o esporte como instrumento educacional e de transformação social, formando faixas pretas dentro e fora do tatame. São mais de 1600 crianças, adolescentes e jovens a partir de quatro anos beneficiados em oito polos – Rocinha, Cidade de Deus – Taquara, Cidade de Deus – Polo de Iniciação, Tubiacanga, Pequena Cruzada, Solar Meninos de Luz, Parque Olímpico e Cuiabá, primeira unidade fora do Rio de Janeiro. (REAÇÃO, 2019, sem paginação)

O que, entre outras coisas, podemos destacar desse lugar acima mencionado perpassa a integração social, bem como a ênfase dada na área de educação, em especial, quando fala de formar para transformar. Percebemos, então, elementos que de maneira substancial, embasam a utilização do esporte para uma prática que possa orientar o atleta em formação para a vivência no esporte educacional, numa perspectiva de exercício da cidadania propiciada pela educação e que as “faixas pretas” vão além do cenário em que a modalidade é ensinada. E aqui nos lembramos de Brandão (2002) quando diz que a educação ocorre nos mais diversos espaços da vida. “Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante.” Brandão (2002, p. 9).

Desta maneira, quando se fala sobre o percurso trilhado por Rafaela, em termos de formação educacional, é importante registrar a ação complementar do “Projeto Reação Educação”, a qual, através de uma metodologia de projetos pedagógicos voltados para cada faixa preta, desenvolve atividades que abordam temáticas como “vida cidadã”, “meio ambiente”, “arte e cultura” e “Corpo e Movimento”, e cujo objetivo é estimular e desenvolver competências socioeconômicas e cognitivas das crianças e jovens atendidos, entre as quais, uma era Rafaela.

A semente do Projeto Reação foi criada pelo medalhista olímpico Flávio Canto, pelo seu técnico Geraldo Bernardes e por colaboradores em 2003. Tal projeto trata-se de uma iniciativa social, educacional e esportiva, a qual atua como uma Organização Não Governamental (ONG), na promoção do desenvolvimento humano e integração social por meio do esporte, fomentando a modalidade judô,

desde a iniciação até o alto rendimento. O projeto atende mais de 1600 crianças, entre adolescentes e jovens a partir de quatro anos beneficiados em oito pólos. Quais sejam: Rocinha, Cidade de Deus (Taquara), Cidade de Deus (Polo de Iniciação), Tubiacanga, Pequena Cruzada, Solar Meninos de Luz, Parque Olímpico e Cuiabá, que foi a primeiro polo fora do Rio de Janeiro. (REAÇÃO, 2019)

Vai além do ensino da modalidade. Ele parece mostrar que o esporte pode ser muito mais do que alguns precipitadamente “rotulam” de produzir mazelas, desigualdades e até exclusão, quando se fala da matriz competitiva. A despeito dessas coisas, na verdade contrapondo a elas, recorremos a uma fala do Professor Rui Garcia, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, o qual diz que: “O problema não está no esporte, mas, nas pessoas que dele se apropriam”. Mas, muitos meninos e meninas como Rafaela parecem nos mostrar outra vertente de que o esporte pode ser um canal para crianças e jovens ter um “plus” de caráter educacional.

Voltando ao projeto que parece ter se constituído num principio em termos de formação educacional para Rafaela, dele ainda se pode destacar que a concretização das ações do projeto “Reação Educação”, está voltada para o ingresso dos alunos e colaboradores que se destacam em escolas e universidades particulares, através de parcerias. Os resultados dão conta de setenta alunos no Ensino Fundamental e Médio, trinta alunos no Ensino Superior, cinco colaboradores na pós-graduação e mais trinta pessoas, envolvendo alunos e colaboradores, contemplados com bolsas integrais de língua inglesa (REAÇÃO, 2019).

Na mesma integração, registre-se também outro projeto: o Reação Olímpico, cujo objetivo é desenvolver atletas de alto rendimento, a fim de inseri-los em competições nacionais e internacionais. Mais de duzentos atletas, divididos em três Centros de Treinamento: na Rocinha, Cidade de Deus (CDD) -Taguara e Parque Olímpico.

Ao que pudemos constatar com nossa pesquisa é que o judô, essa modalidade de luta vai alargando e dando a Rafaela Silva uma perspectiva, que gera expectativa e desenvolve na atleta uma esperança de vencer e ultrapassar os fossos sociais historicamente transmitidos como uma maldita “herança” que, a nosso ver, em muitos exemplos o esporte ajuda a transcender. Essa ideia é fortalecida por uma informação encontrada no site “eusoutimebrasil”, precisamente, uma fala de Rafaela

Silva que aponta para uma relação que se estabelece em sua história entre o Judô e a formação educacional:

As pessoas falavam que eu não iria terminar a escola, porque o Judô me tiraria tempo. E hoje eu estou aí fazendo faculdade de Educação Física. Quando as pessoas falam que eu não sou capaz de fazer coisa alguma, eu vou lá e faço, só pra mostrar para mim mesma que sou capaz. Eu sou assim no esporte e na vida (EUSOUTIMEBRASIL, 2016, sem paginação).

Daquilo que acima é colocado, percebemos que a educação nunca saiu dos projetos da atleta Rafaela Silva e que o esporte, no seu caso, ajudou-a a se disciplinar em busca dos seus ideais de vida e a formação parece haver andado lado a lado com aquilo que o Judô lhe ensinava e inspirava, a saber: vencer em todas as esferas da vida. Fez mais, criou na atleta uma cultura, ou nas palavras de Bourdieu (1989) um *habitus*: o de que era capaz de chegar aos pontos mais altos de sua trajetória. Quando ela diz: “Eu sou assim no esporte e na vida”, há implícito para nós uma disciplina que tanto é parte do “bom” judô como da “boa” educação.

O engajamento e a proximidade com o contexto educacional foram se perpetuando na vida da judoca. Percebemos que sua trajetória com o esporte se expandiu e a atleta, além de compor a equipe representativa da seleção brasileira feminina de judô, passa a colaborar na formação de outras crianças no Instituto Reação. E essa aproximação com as questões educacionais rendeu o reconhecimento à judoca: um “colégio municipal da Zona Oeste do Rio de Janeiro ganha o nome da medalhista olímpica” e que destacamos na **figura 3** e no trecho de uma notícia extraída do site Globo.com.

Figura 3. Ouro no esporte, ouro na educação.



Fonte: (Foto: Ricardo Cassiano/ Prefeitura do Rio), 2016.

Uma medalha de ouro na Olimpíada eterniza um atleta na história do esporte. E emprestar seu nome a uma escola, sem dúvida liga para sempre sua vida à educação. Foi assim com a judoca Rafaela Silva, campeã olímpica na categoria até 57kg, que nesta quarta-feira foi pessoalmente inaugurar a 43ª unidade escolar do projeto Fábrica de Escolas do Amanhã, em Magalhães Bastos, Zona Oeste do Rio. (GLOBOESPORTE, 2016, sem paginação)

A atleta afirma também para o site que encontrou no esporte uma forma de ajudar a própria família. (GLOBO ESPORTE, 2016).

No caminho trilhado entre as lutas, as derrotas, as aprendizagens e as conquistas há indicativos de que é possível se desenvolver e galgar uma posição de estabelecida, num mundo de tantos “outsiders”. No trajeto, a meta por inserção e ascensão revela dilemas, mas, também possibilidades de uma vez ligada ao esporte, viver, provar e triunfar.

3.3 A LUTA POR INSERÇÃO E ASCENSÃO NO ESPORTE

A radicalidade humana repousa num fundo de permanente insatisfação, sendo o desporto um locus dessa busca eterna. Mais ainda, tem sido através do desporto que muitos limites surgem no nosso horizonte. Cada vez que um atleta se aproxima dessa linha, outra adiante se levanta a colocar um novo desafio à humanidade. Nem todos os seres humanos têm capacidade para pintar como Pablo Picasso, mas este pintor mostra aquilo de que o ser humano é capaz. Da mesma forma, nem todos conseguem jogar futebol com a excelência de Cristiano Ronaldo, mas este jogador ilustra a capacidade humana de jogar futebol (GARCIA, 2017, p. 95).

Pensando na afirmação acima, imaginamos que participar de um esporte de alto rendimento está continuamente a exigir do atleta um esforço sobrecomum, mesmo que seja um Cristiano Ronaldo. Isso devido aos investimentos no sentido mais amplo, a carga de treinos, a cobrança que as competições impõem, e ainda aquelas advindas de pais, treinador e da própria sociedade e que num certo sentido envolve dificuldades.

Em se tratando, por exemplo, do judô feminino que aqui ganha maior evidência - modalidade iniciada no Brasil na década de 1920 após a chegada de imigrantes japoneses – os obstáculos têm suas singularidades e histórias que podem ser enriquecidas por muitos casos.

Podemos mencionar, por exemplo, uma situação bizarra ocorrida, no ano de 1979, quando, o então Diretor da Confederação Brasileira de Judô, Joaquim Mamed, leva quatro judocas para participar do Sul-Americano de Judô na Argentina. Mas, para que isso se concretizasse, as atletas tiveram que se identificar com nomes de homens, para garantir as passagens da delegação. E a resposta veio no retorno da equipe, com as quatro mulheres de quimono e as medalhas conquistadas no peito. Mas, nada disso invalida a situação vexatória da “clandestinidade”. E, em 1980 o judô feminino é legalizado junto ao Conselho Nacional de Desporto (CND) (OLIVEIRA, et. al. 2018, p. 63).

Mas, só na década de 1980 é que tivemos a participação efetiva de uma equipe feminina, como afirma Berté

Em novembro de 1980, a delegação de Judô do estado participa, com uma equipe de seis atletas, do primeiro Campeonato Brasileiro de Judô Feminino, realizado no Rio de Janeiro. A competição levou uma equipe brasileira, incluindo a atleta gaúcha Iara Mery Martins, ao I Campeonato Mundial de Judô Feminino, realizado em 1980, em Nova York. (BERTÉ, 2016, p. 41)

Claro é preciso dizer que as dificuldades históricas de inserção de mulheres não é uma prerrogativa do esporte e em particular do Judô. Essa é uma condição social que marca a vida na sociedade brasileira até hoje. Os exemplos são tantos que não daríamos contas de enumerar. Mas, o esporte serve não só para reproduzir as estruturas. Numa alusão a Bourdieu, serve também para denunciar essa reprodução.

Em se tratando, pois, das dificuldades por inserção e ascensão no esporte e por meio dele, o caso da atleta Rafaela Silva nos fez ponderar que nestes dois aspectos a judoca se deparou e enfrentou várias lutas. Uma situação que serve de ilustração real desse fato diz respeito ao primeiro dia de treino da “menina Rafaela”, que serve de amostra das dificuldades vividas, do que haveria de experimentar e o que muitos brasileiros, não só os atletas, enfrentam em relação à falta de comida.

Sobre a questão envolvendo Rafaela o treinador Bernardo Guimarães, do Instituto Reação, lembra-nos o seguinte:

No primeiro treino, a Rafa desmaiou. Não aguentou, porque estava com fome. Não tinha comido nada antes, conta Geraldo, professor do Instituto Reação e que dirigiu a seleção brasileira de judô por 20 anos. “Mas eu vi nela um diamante bruto a ser lapidado. Busquei canalizar toda aquela agressividade natural das ruas para os tatames. (CBJ, 2016, p. 17)

O exemplo do judô mostra ao Brasil e ao mundo que o esporte pode ser um grande aliado para a pessoa humana. O esporte pode se constituir para muitas pessoas um meio de ascensão e se mostrar na vida - ainda que seja para alguns, o que não diminui sua importância - como um divisor de águas em meio às adversidades enfrentadas por uma nação que ainda revela em diversos espaços a marca do preconceito. E algo assim, que podemos conjecturar ao nos determos analiticamente naquilo que ressalta a mensagem seguinte extraída da BBC Brasil.

Figura 4. Medalha contra a violência.



A atleta Rafaela Silva, nesta reportagem, deixa entender que o Brasil vive uma grande crise social, política e econômica, cultural e de civilização. Essas coisas servem para mostrar também as agruras passadas por um atleta no longo percurso do dia a dia, na jornada com a modalidade praticada (judô). Mas, ainda assim, todas essas adversidades não tiram o sonho de vencer no esporte e na vida. Ora, mas, a despeito das agruras e que as crianças como Rafaela fora um dia, não tem muitos objetivos e perspectivas de progredir e florescer em lugares como na Cidade de Deus, ainda assim, afirma a atleta que eles podem consegui-lo, à custa de muito trabalho (RAMIL, 2016).

Nessa conjuntura social adversa, de poucas chances de quem nasce desprovido de vencer, Ramil (2016) nos faz saber que Rafaela pensou em desistir do judô, por conta das ofensas racistas em redes sociais após a eliminação dos Jogos de Londres 2012. Isso nos mostra que a derrota é também um dos entraves vividos ao longo da trajetória esportiva e em outras esferas da existência humana.

O ano de 2012, no plano desportivo, foi caracterizado por obstáculos para a atleta Rafaela Silva. A trajetória da competição trouxe para a judoca um grande impacto negativo, “na luta contra a húngara Hedvig Karakas nas oitavas de final da categoria peso leve nas Olimpíadas de Londres. O golpe chegou a ser pontuado como wazari, mas após revisão em vídeo, a pontuação foi retirada” (LOMBA, 2012). Entretanto, a ação ofensiva adversa trouxe a eliminação de Rafaela Silva da

competição, após aplicar uma “catada de perna”, golpe que consiste em abordar a parte inferior (judogui) do kimono, com o intuito de projetar à adversária e conseguir ponto. A regra de não poder executar o golpe já estava contando naquela competição, o que custou a desclassificação de Rafaela, conforme reportagem abaixo do site da Globo.com.

Figura 5. A desclassificação de Rafaela Silva nas Olimpíadas de 2012.



Mas, e a questão da ascensão? Ela pode ser pensada como uma condição real a partir dos laços constituídos com o esporte? Segundo (Vianna, 2003; Vianna et al, 1999), seria um erro ignorar aquilo que a passagem pelo esporte pode representar para os sujeitos das camadas populares, no caso: um meio de “subir na vida”.

Ao ponderarmos como temos feito aqui sobre pessoas humanas que lutam por uma oportunidade, quer seja de inserção e de ascensão numa sociedade de tanto fossos estruturais, sejam elas brancas, negras, índias, pardas e/ou mulatas, pode ser que encontrem uma via para que tal obra se realize. E quando isso ocorre, não importa o caminho. Apenas que ele seja digno. Sendo assim, seria injusto de nossa parte não considerar um meio como o esporte e as inúmeras histórias que ele conta através de pessoas iguais ou diferentes de Rafaela, mas, seja como for, nos fazem razeoar sobre esse caminho porque,

O desporto, em especial aquele praticado ao mais elevado nível, permite experiências pessoais distintas, situando-se numa esfera para além da vulgaridade do quotidiano, sendo muitas vezes uma verdadeira âncora existencial num tempo marcado pelo profundo vazio axiológico (GARCIA, 2017, p.94).

As experiências como diz Garcia (2017) são, num dado contexto, íntimas, próprias, o que não impede de tecer a partir delas relações com o que pode de algum modo alcançar pessoas. A luta contra o racismo pode ser um caso que a partir de uma experiência podemos estabelecer certas analogias.

3.4 A LUTA CONTRA O RACISMO

O conceito de preconceito racial é aqui pensado como:

[...] uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou se reconhece (NOGUEIRA, 2006, p. 292).

“Algo” do pensamento acima encontrado é vivido na “pele” por Rafaela Silva ao longo de sua história como pessoa humana e como atleta. Mas, há alguns momentos que damos ênfase nesta narrativa.

Por exemplo, em 2016, por ocasião da conquista do ouro olímpico, destacamos o discurso da judoca, externando as inquietações de quem sofreu preconceito racial.

Eles falaram que judô não era pra mim, que eu era vergonha para minha família, que lugar de macaco era na jaula e não na Olimpíada e agora posso provar para todos eles que me criticaram que eu posso estar entre as melhores da minha categoria, disse, com semblante sério. (RAMIL, 2016, sem paginação).

A fala da atleta nos remete a duas coisas que parecem essenciais pensar: primeiro nas ações que se originam nas sociedades ditas civilizadas e depois, naquilo que diz Da Matta (1994, p. 13) que “[...] os rituais, revela quem somos”. Uma sociedade dissimulada que está sempre a mostrar um forte ranço escravocrata.

Nesta esteira, o caso de Rafaela expressa ao pé da letra, desde muito cedo, um retrato de uma luta desumana e que começa na infância, como mostra o trecho da reportagem a seguir.

Figura 6. Infância pobre e racismo vencidos por título.



Não bastasse o legado herdado sem escolha de nascer, crescer e viver numa comunidade pobre, violenta e que habitualmente é desassistida e ignorada pelo poder público, ainda por cima precisa vencer muitas batalhas. A atleta ao se inserir no esporte como judoca percebeu que enfrentaria (e enfrentou) na vida preconceitos por ser mulher, negra e de classe social menos favorecida.

Aliás, se fizermos uma reflexão mais acurada do processo esportivo e do processo social, haveremos de notar que viver e sobreviver, de fato não são coisas simples para muitos e MUITAS brasileiras que vivem numa sociedade como a nossa, em que ainda perdura a herança destacada por Gilberto Freyre e seu Casa-Grande e Senzala (2019), mas, que pouco atentam. Tal legado mostra como no dia-a-dia, vivemos numa sociedade que resulta de um sistema cujo fim último é a reprodução da estrutura que se mencione é na maior parte perversa.

A casa grande fala não apenas do que fomos, mas, do que ainda somos na maior parte do tempo: uma sociedade onde as pessoas são valoradas por bens, gênero, recursos disponíveis e origem social, e onde, segundo Freyre (2019, p.8) “[...] uma minoria de brancos e brancarões dominando patriarcais, polígamos, do alto das casas-grandes de pedra e cal” parecem manterem-se impolutos, superiores e a perpetuarem uma sociedade de poucos e para poucos e, em função de coisas semelhantes a essas, os comportamentos discriminatórios aparecem e proliferam.

Mas, como ainda diz Freyre (2019, p. 8) há também pessoas “criados aos mangotes nas senzalas, como lavradores de partido [...] moradores das casas de taipa e de palha” e para quem a luta é “tudo” que resta.

Talvez, seja dessa linhagem “dos moradores das casas de taipa e de palha” que descenda as raízes de gente como Rafaela, alguém que nasce da luta e que deseja por meio dela ascender.

Por isso mesmo, é preciso seguir. E a judoca, em meio a insultos, não tem outra coisa a fazer, senão, vencer a luta de cada dia, de cada treino, de cada desconfiança e da indiferença, pois a luta não se restringe só as adversárias nos tatames, há as pelejas desumanas, frias e bárbaras.

Um exemplo, dessas, fora sentida num taxi que pegou do Aeroporto Internacional do Rio, durante uma abordagem policial, segundo a denunciante, o taxista alertou a um dos policiais que Rafaela: “era aquela [atleta] do judô”, ao que o agente de segurança, então, teria respondido: “Ah, tá... Achei que tinha pego na favela”. O fato, segundo a reportagem, deixou Rafaela estarrecida ao ponto de questionar “até onde iria esse preconceito.” (PIRES, 2016). A mesma matéria, acima destacada, também mostra o posicionamento do historiador Luiz Carlos Ribeiro, da Universidade Federal do Paraná, que revela ter sido “extremamente importante” a manifestação de Rafaela Silva.

Muita gente já passou por constrangimentos semelhantes e diversos tipos de discriminação, inclusive outros atletas. O racismo não é apenas uma questão social, restrita aos pobres ou a quem mora nas favelas, mas sim um problema estrutural, que tem a ver exclusivamente com a cor da pele. (PIRES, 2016, sem paginação).

Fica claro que o racismo no esporte não é mais velado. Em plena era contemporânea, uma afronta contra a dignidade humana ainda prevalece na intencionalidade e na prática de muitas pessoas.

Diante das adversidades, a atleta cresce e a mídia registra alguns de seus progressos, que é fruto de muito trabalho e contínua luta. Luta inclusive para vencer as agressões e opressões vividas por ela e outros. Uma das reportagens analisadas, do Jornal o Globo (2016), exhibe a atleta Rafaela Silva e o goleiro Aranha, que defendia na época a Ponte Preta de São Paulo. A reportagem mostra muitas coisas a nosso ver, e dentre elas, uma atleta que parece provar da ascensão que o esporte lhe possibilita, posto que ela e o goleiro Aranha tornam-se pessoas negras com certo destaque social. Mas, há outra coisa que devemos pontuar: é que tais pessoas revelam um crescimento humano e encampa uma nova luta, a de mostrar ao Brasil que jamais há de se render à “barbárie humana” chamada

preconceito racial. E que o esporte deve ser um dos elementos de combate a tal “violência”.

Um combate que se efetua aos poucos e por diversas oportunidades, como a que é retratada na imagem abaixo e que não se limita a ela, mas, a outras mulheres e as pessoas negras.

Quando se fala, por exemplo, em lutas, Salvini (2017) afirma que a presença das mulheres em muitos casos não é considerada algo normal, pois deixa de lado alguns traços da feminilidade.

Mas, há mais o que se observar e ao mencionarmos a experiência da participação feminina no judô, historicamente temos a mulher sempre retratada num plano inferior ao homem. Isso se comprova com a exposição de fases históricas, para fins didáticos sugeridos por Brum (2017) em:

1ª fase – de 1950 a 1979 – **Mulheres Judocas “Fora da Lei”** – Primeiras judocas praticantes que iniciaram o judô sob o Decreto-Lei 3.199/41, que proibia a prática modalidades “incompatíveis” à natureza da mulher;

2ª fase – de 1980 a 2001 – **“Era Mamede”**– A participação feminina é oficialmente liberada nos tatames nacional. Começam a se organizar as competições locais e as viagens para competir internacionalmente. Mas as judocas sentem, especialmente na seleção nacional, as restrições de regras e finanças impostas pela gestão do então presidente da CBJ, Joaquim Mamede.

3ª fase – A partir de 2001 – **Ascensão do judô feminino brasileiro** – Pelo país, crescem os projetos sociais de inclusão, aumentando a participação feminina e, na CBJ, as políticas voltadas ao judô feminino deixam de ser tratadas como “apêndice” do masculino. (BRUM, 2017, pág. 56).

Mesmo que as fases acima destacadas revelem um avanço na participação feminina no judô, na era contemporânea. Isso não exclui, nos dias atuais, a presença de outras formas de discriminação racial ou de gênero que protagonizam constantes embates, enfretamentos e esforços, para se provar o valor de alguém que parece haver nascido e forjado para lutar, e isto nos mostra a reportagem abaixo do site de O Globo.

Figura 7. História de superação.



Fonte: O Globo, 2016.

Diante de tantas adversidades, “superação” é a palavra que traduz o momento vivido pela judoca, em decorrência da conquista do ouro olímpico, no Rio de Janeiro em 2016. Uma história de luta que durou quatro anos para ser marcada. Entre a não conquista do pódio em 2012 e a realização do sonho em 2016, passou-se essa lacuna temporal, que quase tira a atleta de vez dos tatames.

Para reforçar um pouco daquilo que destacamos lançamos mão de algo encontrado no blog Coluna Dois, o qual retrata um pouco dessa história de superação através do esporte quando traz como manchete “O rap de Rafa”, uma alusão ao “Rap da Felicidade”, dos compositores Sidney da Silva (**MC Cidinho**) e Marcos Paulo de Jesus Peizoto (**MC Doca**).

Eu só quero é ser feliz
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é
E poder me orgulhar
E ter a consciência que o pobre tem o seu lugar
(POLI, 2016)

O fragmento acima retrata algo tão esperado por alguém que luta em sua terra natal, representa seu país, mesmo obtendo resultado adverso na última olimpíada. O objetivo era mostrar para a “favela onde nasceu”- mas, também para o

mundo, conforme imaginamos - que alguém que veio de origem humilde pode ter suas conquistas. É o que revela a própria atleta ao Blog Coluna Dois:

[...]

A três segundos do fim, a adversária capitulou. As câmeras buscaram o olhar vidrado - e ele, enfim, trincou. A dez quilômetros da CDD, da cê-dê-dê, os olhos de Rafaela Silva se despiram, pela primeira vez, de seus super-poderes. Ela se agachou, se curvou, reverenciou, respirou - olhou pra cima como se convidasse a ficha a cair.... e lá foi Rafa, correndo, na direção do técnico Luiz Shinohara para dar aquele abraço que todo atleta sonha.

Ali, o olhar trincou de vez e deixou fluir o rio que passou na vida de Rafa... da infância na Cidade de Deus para o mundial junior na tailândia aos 16 anos, a escala desclassificante em Londres... até chegar ali - perto da favela onde ela nasceu. Rafa pulou no colo de Shinohara e depois mergulhou nos braços da família-torcida. (POLI, 2016)

Verificamos com a passagem acima a sensação de servir como exemplo para a comunidade “Cidade de Deus”. Onde de fato Rafaela nasceu e foi descoberta e inserida no esporte através do judô. Soou como um presente para o bairro da periferia carioca, para a equipe de judô feminina, para os familiares da atleta, para o Brasil. Sobretudo, porque a judoca tinha a missão de mostrar que o esporte poderia e pode mudar a página da história também das inúmeras crianças que alimentam um sonho de também serem felizes. Desta maneira, podem, como Rafaela, buscar no esporte esse caminho.

4 CONCLUSÕES

O esporte se constitui cada vez mais um fenômeno social que perpassa no tempo e no espaço os mais diferentes contextos históricos da civilização humana. Ele, nas suas mais diversas matrizes, configura cenários e vidas de forma tal que termina por traduzir o que somos enquanto indivíduos que com ele se liga e produz histórias esportivas coletivas, mas, também personificada. O esporte é de uma magnitude tal que tende a provocar em nós seres humanos inquietações diversas e isto não só alcança os esportistas, bem como aqueles que ousam estudar essa manifestação esportiva.

Em meio a essa perspectiva, nossa pesquisa se baseou em analisar o contexto esportivo, refletindo sobre suas possibilidades de promoção de inserção e ascensão sociais. Decisivamente, buscamos com este trabalho analisar o fenômeno do esporte no Brasil, a partir do caso da judoca Rafaela Silva, conjugando elementos de sua história e trajetória social e esportiva reveladora, buscando nelas aspectos concretos que de algum modo revelam mudanças no *status* social da atleta.

Nessa tarefa elegemos três objetivos específicos, e assim inicialmente levantamos dados e informações da judoca Rafaela Silva. Buscamos fatos que delineiam mudança na história esportiva e social da atleta. E analisamos o fenômeno esporte e as possibilidades de mudança social num contexto de muitas lutas.

Com a pesquisa pudemos observar que o contato de Rafaela Silva com o esporte começou muito cedo, ainda na infância. E esta condição abre na vida da atleta muitas possibilidades e lhe proporciona a oportunidade de sonhar, treinar, estudar e de enxergar um novo horizonte, onde na maior parte das vezes o caminho é duro, difícil e estreito, pois, assim é a vida no Brasil para aqueles e aquelas que nascem e vivem à margem das benesses.

Com o estudo pudemos constatar que o esporte não só dá a Rafaela esperança, mas a coloca também diante muitas lutas a ser enfrentadas nos tatames e na vida.

Inicialmente, as batalhas começam pela família, que por morar num bairro menos favorecido social, econômica e politicamente, e isso fez com que seus genitores procurassem uma “fuga” no Instituto Reação. Entidade que acolheu Rafaela e a irmã Raquel Silva.

A trajetória de vida da atleta mostrou que a luta pela sobrevivência na comunidade em que morou, começou cedo mesmo. A família vivenciou inúmeras vezes assassinatos, pessoas à margem da sociedade pulando muro para fugir da polícia, tráfico de drogas no local etc.

Ao se inserir no esporte, com apenas oito anos de idade, por ocasião do primeiro treino, desmaiou. E antes de iniciar a luta no tatame, travou uma luta contra a fome. Aspecto social comum em comunidades pobres.

O estudo enfocou também como, num contexto esportivo, mesclado com os baixos recursos econômicos de Rafaela Silva pudessem proporcionar ou incentivar para uma vida promissora nos estudos. Como seria a luta da atleta pelos estudos. Levando-se também em consideração os escassos recursos econômicos dos pais da judoca.

Observou-se ainda na análise dos dados acerca da vida da judoca que, a partir de uma iniciativa do instituto Reação, por descoberta do professor Bernardo Guimarães, vislumbra-se o crescimento e a evolução da judoca. Assim também, quando ainda muito nova, das primeiras conquistas sociais: o destaque entre as meninas da mesma categoria, assim como a entrada para a seleção brasileira de judô. Um aspecto que aponta para o crescimento social através do esporte.

Também pudemos constatar ao longo do estudo uma condição singular: é que se por um lado o crescimento esportivo da judoca se evidencia com sua inserção em competições em nível mundial. Por outro, há também as derrotas. É o caso de 2012, em Londres, quando perde a luta no tatame e as repercussões quase fazem com que ela perca a luta para o abandono da arte que até ali a conduzia por um “caminho suave”. A atleta perde a luta oficial e entra numa luta contra o preconceito racial que é um fato digno de observação em nossa análise.

O racismo passa a ser outra luta travada pela judoca Rafaela Silva. Assim como o preconceito de gênero, pelo fato de Rafaela ter opções homo afetivas.

E passar por esses obstáculos não foi fácil. E o melhor remédio ou o melhor substantivo utilizado para a situação foi “superação”. E isso custou um período de afastamento dos tatames por fortes questões emocionais.

E as lutas continuaram, mas, o esporte mostrou algumas vias de escape. E alguns atributos positivos da vida afetiva da atleta foram propiciados pela vida esportiva, pelos ensinamentos fincados pelo judô.

O esporte também trouxe a lição da superação e atleta permaneceu nos tatames e embalada com a conquista de um sonho que poderia ser realizado no nosso país e em especial, na terra natal da atleta nas Olimpíadas de 2016.

Percebemos com o caso da atleta Rafaela Silva que a temática da “luta” esteve e está presente na vida, enquanto atleta, enquanto cidadã. Mas sempre na perspectiva da realização de um sonho: ser campeã olímpica, o que ocorreu em 2016 no Rio de Janeiro.

Se este estudo revela algumas contribuições ao campo da Educação Física destacamos aqui duas: a primeira é mostrar que ao tratarmos das diversas lutas porque passou a atleta Rafaela não podemos deixar de ressaltar que estamos diante de uma mulher, negra, de origem pobre, que vence a cada luta um contexto social preconceituoso, machista e que não respeita o seu semelhante e que revela a sociedade que nós somos. E a segunda que evoca o nosso problema de pesquisa, que em linhas gerais indagou se o esporte é capaz de mudar rotas na vida de pessoas. O caso de Rafaela nos mostra que o esporte e a educação podem transformar a vida de muitas pessoas, sobretudo aquelas mais distantes das oportunidades que deveriam ser extensiva a toda pessoa humana. Entretanto, diante da negativa o esporte nos conclama, como Rafaela, a lutar.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BERTÉ, Isabela Lisboa. **Mulheres no universo cultural do boxe**: As questões de gênero que atravessam a inserção e a permanência de atletas no Pugilismo (2003-2016). 2016. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano, Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Cap. 31.

BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004. 86 p.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectivas, 1982.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Brasiliense, Brasília, 2017.

BRASIL. Ministério da Cidadania. **Título do documento**. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/m/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/56495-primeira-medalha-de-ouro-do-brasil-com-judoca-rafaela-silva>. Acesso em: 20 set. 2019.

BRASIL. **Constituição Federal**. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília: Senado Federal, 1988.

CABALLERO, Miguel (Ed.). Campeã olímpica, Rafaela Silva tem história de superação: Criada na Cidade de Deus, atleta entrou nas aulas de judô para conter brigas na escola. **O Globo**, [s.l.] 08 ago. 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/campea-olimpica-rafaela-silva-tem-historia-de-superacao-1-19879741>. Acesso em: 20 out 2019.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ. Rafaela de Ouro. Rafaela do Brasil. A trajetória de superação da primeira judoca brasileira a ser campeã mundial júnior, sênior e olímpica. **Judô em Revista**, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: https://cbj.com.br/judo_em_revista/http://rdweb.uberflip.com/i/748002-revistacbj16-web. Acesso em: 20 nov. 2019.

CORCUFF, Philippe. As novas sociologias: construções da realidade social. EDUSC, São Paulo, 2001.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. In: Revista USP, São Paulo, n. 22, jun./ago., p. 10-17, 1994. (Dossiê Futebol).

ELIAS, Norbert. **Os alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992. (Memória e Sociedade).

FERNANDES, Florestan. **Sociedade de classes e subdesenvolvimento**. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2019.

GALATTI, Larissa Rafaela et al. Esporte e clube sócio-esportivo= percurso, contextos e perspectivas a partir de um estudo de caso em clube esportivo espanhol. São Paulo, 2010.

GARCIA, Rui Proença. Desporto de alto rendimento ou a busca dos limites humanos. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto-PT, n. 3, 2017.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Tempo**, v. 17, n. 34, p. 45-52, 2013.

GRANDO, Daiane; DE OLIVEIRA MADRID, Silvia Christina. Apropriação social do fenômeno esportivo: reflexões a partir dos pressupostos gramscianos. **Caderno de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 37-48, 2017.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. História social dos esportes. **Rev. adm. empres.**, São Paulo, v. 54, n. 4, p. 466, ago. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-c75902014000400466&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 set. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020140412>;

OLIVEIRA, Ariela Beatriz de; RIBEIRO, Thaiane Cristine de Lira; SIQUEIRA, Thomaz Décio Abdalla. A inclusão social e educacional de mulheres nas artes marciais. **BIUS, Amazonas**, v. 9, n. 1, 2018.

MELO, Victor Andrade; FORTES, Rafael. História do esporte: panorama e perspectivas. **Fronteiras**, Dourados-MS, v. 12, n. 22, p. 11-35, 2010.

LOMBA, Gabriele (Ed.). Rafaela Silva é desclassificada por catada de perna e desaba no choro: Brasileira levava vantagem na luta e havia obtido um wazari, mas pontuação é retirada após revisão em vídeo e transformada em desclassificação. **Globo.com**. Londres 2012. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/07/rafaela-silva-e-desclassificada-por-catada-de-pernas-e-cai-no-choro.html>. Acesso em: 25 dez. 2019.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo social**, São Paulo-SP, v. 19, n. 1, p. 287-308, 2007.

PIRES, Breiller (Ed.). **Rafaela Silva, uma campeã olímpica expõe o racismo institucional**: Protesto da judoca após batida chama a atenção sobre como pessoas negras permanecem vulneráveis a abordagens discriminatórias da polícia. EL PAÍS BRASIL, São Paulo-SP. 2018.

Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/24/deportes/1519427504_557900.html.

Acesso em: 23 out. 2018.

POLI, Gustavo (Ed.). O Rap de Rafa. **Globoesporte**. Rio de Janeiro. 2016.

Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/blogs/especial-blog/coluna-dois/post/o-rap-de-rafa.html>. Acesso em: 20 nov. 2019.

RAMIL, Tatiana (Ed.). Judoca Rafaela Silva derruba infância pobre e racismo para ser campeã olímpica. **Globo.com**. Rio de Janeiro 2016. Disponível em:

<https://extra.globo.com/noticias/economia/judoca-rafaela-silva-derruba-infancia-pobre-racismo-para-ser-campea-olimpica-19881478.html>. Acesso em: 20 out. 2019.

RAMOS, Livia Tavares et al. Da Glória ao esquecimento: Uma análise narrativa do documentário “Althea”. 2018.

RAMOS, Pedro. Brasil. **Primeira medalha de ouro do Brasil: Judoca Rafaela Silva**. Secretaria Especial do Esporte. Brasília-DF: Pedro Ramos, 2016. Disponível em:

<http://www.esporte.gov.br/m/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/56495-primeira-medalha-de-ouro-do-brasil-com-judoca-rafaela-silva>. Acesso em: 20 set. 2019.

REAÇÃO, Instituto (Ed.). **Sobre o Reação**. Rio de Janeiro. 2019. Disponível em: <http://www.institutoreacao.org.br/oinstitueto/>. Acesso em: 30 nov. 2019.

RECOMEÇO DOURADO. Rio de Janeiro. 2016, Disponível em

<http://www.eusoutimebrasil.com.br/historia-rafaela-silva.htm>, 2016. Acesso em: 20 set. 2019.

SALVANI, Leila. **A luta como “ofício do corpo”**: entre a delimitação do subcampo e a construção de um habitus do mixed martial arts em mulheres lutadoras. 2017. 284 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós Graduação em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Cap. 4.2.

SEVERINO, Antônio J. Educação, trabalho e cidadania: a educação brasileira e o desafio da formação humana no atual cenário histórico. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 65-71, 2000.

STIGGER, M. P. Lazer, esporte e estilos de vida. **Campinas: Autores associados**, 2002.

TUBINO, Manoel José Gomes; GARRIDO, Fernando Antonio Cardoso; TUBINO, Fábio Mazon. **Dicionário enciclopédico Tubino do esporte**. Rio de Janeiro, Senac, 2007.

_____. Dimensões sociais do esporte. São Paulo: Cortez, 1999.

VIANNA, José Antonio; RÍGIDO, Silvana; FERREIRA, V. P. A ocupação do tempo livre das camadas populares: uma investigação com crianças e jovens da “Cidade de Deus”-RJ. **Motus Corporis**, [s.l.], v. 6, n. 2, 1999.

VIANNA, José Antonio. Educação Física, Esportes e Lazer Para as Camadas Populares. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE., 13. 2003: Caxambu, **Anais** [...]. Campinas: CBCE, 2003.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.